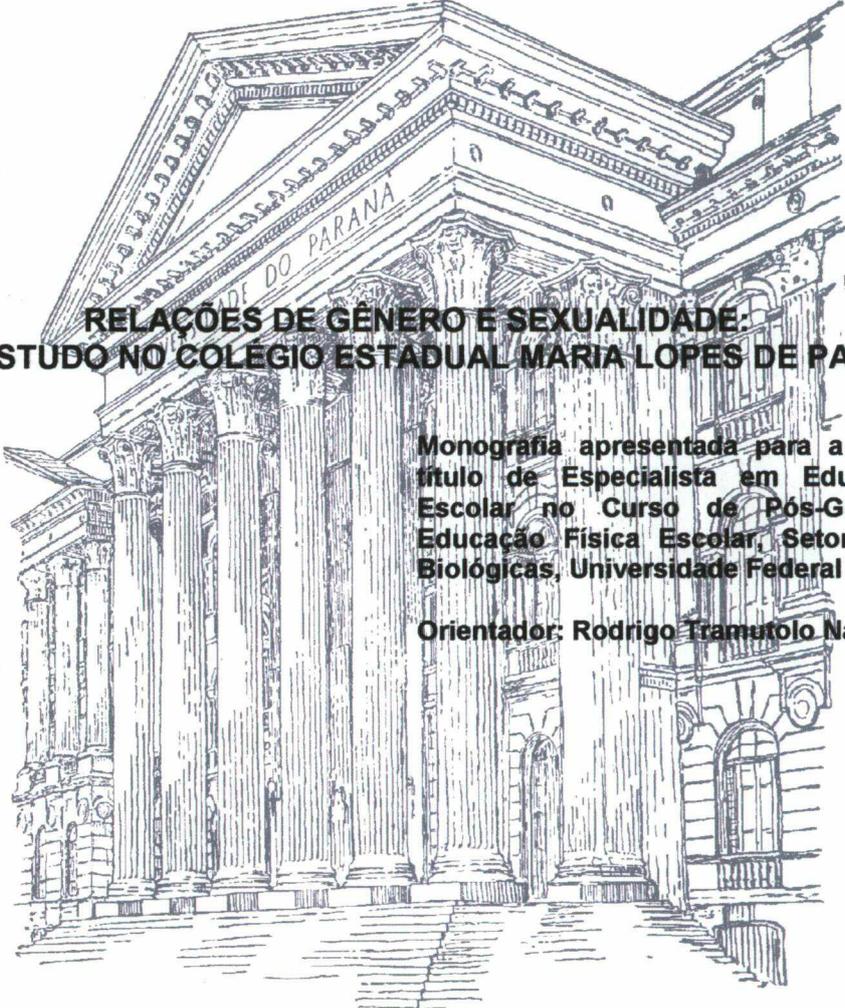


EDUARDO MENDEZ ALCANTARA



**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE:
UM ESTUDO NO COLÉGIO ESTADUAL MARIA LOPES DE PAULA**

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar no Curso de Pós-Graduação em Educação Física Escolar, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Rodrigo Tramutolo Navarro

CURITIBA

2008

Ao meu pai Mendez (in memoriam) e à minha mãe Marlene.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

À minha família e a todos os amigos e amigas.

Ao professor Ricardo Marinelli Martins pelas orientações iniciais.

Ao professor Rodrigo Tramutolo Navarro pela orientação.

À professora de inglês Vilma Ramos que elaborou o abstract.

Ao corpo discente e docente do Colégio Estadual Maria Lopes de Paula.

Ao corpo discente e docente do Centro de Educação Integral Lauro

Esmanhoto.

Aos colegas e professores da turma de especialização em Educação Física Escolar.

Aos membros da Comunidade Concursos Educação Física.

Aos amigos do futebol de toda quarta-feira.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi entender como a sexualidade e as relações de gênero se manifestam no ambiente escolar. A temática sexualidade, a relação da mídia com a Educação Física e as relações de gênero no ambiente escolar são estudados neste trabalho. Trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, na qual foram realizadas duas entrevistas coletivas com alunos e alunas de duas turmas de um colégio estadual de Almirante Tamandaré. As entrevistas foram feitas depois da exibição dos seguintes filmes: Billy Elliot e Driblando o Destino. Verificou-se neste estudo que a homofobia está presente na escola assim como atitudes não preconceituosas também. Constatou-se que a utilização de filmes como recurso pedagógico, quando se trata de discutir questões de gênero, podem contribuir para desmistificar alguns preconceitos e, portanto, transcender a heteronormatividade.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Filme. Educação Física.

ABSTRACT

The objective of this research was to understand how sexuality and gender relations reveal in the school environment. The sexuality subject, the media relation with Physical Education and gender relation in school environment are studied in this project. It is about a qualitative research, in which groups of male and female students of a public school in Almirante Tamandare city were interviewed twice. The interviews were made after the exhibition of the following films: Billy Elliot and Driblando o destino. It was noticed that homophobia is present in the school as well as not prejudiced attitudes. The use of films as a pedagogical resource to discuss gender matter, can contribute to desmystify some prejudices, therefore to exceed the heteronormative.

Key words: Gender. Sexuality. Films. Physical Education.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – ALUNOS DA 6C ASSISTINDO AO FILME BILLY ELLIOT.....	27
FOTOGRAFIA 2 – ALUNAS DA 6A ASSISTINDO AO FILME DRIBLANDO O DESTINO.....	28
FOTOGRAFIA 3 – JOGO CORRIDA DO BARALHO EM UMA TURMA DE SEGUNDA SÉRIE.....	37
FOTOGRAFIA 4 – JOGO CORRIDA DO BARALHO EM UMA TURMA DE SEGUNDA SÉRIE.....	38
FOTOGRAFIA 5 – JOGO DE OPOSIÇÃO ROUBAR A BOLA.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ROMPENDO BARREIRAS IDENTITÁRIAS	11
2 TELEVISÃO, FILMES E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	17
3 RELAÇÕES DE GÊNERO NO COTIDIANO ESCOLAR	22
4 METODOLOGIA	27
5 BILLY ELLIOT, DRIBLANDO O DESTINO E OS DEPOIMENTOS DE ALUNOS E ALUNAS DO COLÉGIO ESTADUAL MARIA LOPES DE PAULA	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	40
DOCUMENTOS CONSULTADOS	43
APÊNDICES	44

INTRODUÇÃO

Os homossexuais tem uma identidade marcada na nossa sociedade. A norma é ser heterossexual e os homossexuais são considerados problemáticos, desviantes. Uma das formas para transformar esse mito da heteronormatividade é tratar o tema sexualidade na escola. Contudo essa temática não pode ser discutida somente a partir de temas gerais como AIDS, DST e métodos anticoncepcionais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais publicados em 1997 pelo governo federal tratam a temática da seguinte forma:

Muitas escolas, atentas para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluem Aparelho Reprodutivo no currículo de Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo. (ORIENTAÇÃO SEXUAL, 1997, p. 78).

É necessário questionar o discurso que toma como fundamento a ciência biológica para justificar e legitimar a heterossexualidade como verdade humana e norma social. A dimensão cultural precisa ser trabalhada na escola e não pode ser silenciada, pois muitos alunos são constantemente vigiados e são vítimas de gozações ao serem chamados de gay, baitola, bicha e sapatão.

Dispomos de poucas informações sobre as formas como as escolas brasileiras conduzem suas aulas ou atividades ligadas à educação sexual. Mas é possível supor, pelos livros e materiais didáticos no mercado, pelas indagações de professoras e professores, pelas reportagens e programas da mídia, que essa ainda é uma área onde todos/as se movimentam com extrema cautela e com muitos receios, onde a regra é buscar refugio no “científico” (que é traduzido, neste caso, por um estreito biologismo), evitando a contextualização social e cultural das questões. (LOURO, 2003a, p. 133).

Uma boa opção para se inserir a temática sexualidade nas aulas de Educação Física ou em outra disciplina escolar é exhibir longas ou curtas metragens. O filme é um recuso didático que apresenta uma linguagem atraente e as imagens e os recursos gráficos podem auxiliar na compreensão de textos escritos. Além de poder tornar a aula mais dinâmica e menos monótona um filme pode mexer com a emoção e com a afetividade do aluno.

O autor ressalta a importância de estudar a mídia, pois ela difunde elementos estéticos e informativos que colaboram na determinação do campo físico-esportivo no qual a educação física intervém pedagogicamente. Portanto, a mídia é importante objeto de estudo porque interfere na prática profissional e, compreendendo-a melhor, seria até possível utilizá-la como uma ferramenta pedagógica no ensino dos conteúdos da cultura corporal. (PIMENTEL; PIMENTEL, 2005, p. 40).

Filmes como *Billy Elliot*, *Driblando o Destino*, *Boneca na Mochila* e *Acorda Raimundo* são boas opções para o professor abordar a temática sexualidade, possibilitando um espaço para refletir e questionar o ponto de vista estritamente biológico acerca das discussões de gênero e sexualidade.

Visando discutir e aprofundar a temática sexualidade e relações de gênero a presente pesquisa foi estruturada da seguinte maneira:

No capítulo 1, intitulado *Rompendo barreiras identitárias*, buscou-se discutir e questionar a identidade homossexual como norma historicamente constituída, bem como apresentar os principais conceitos que sustentaram as teorizações do presente estudo.

No capítulo 2, *Televisão, filmes e educação física escolar*, procura-se estabelecer uma discussão acerca da relação entre alguns filmes e as aulas de educação física do ensino fundamental e médio.

No capítulo 3, intitulado *Relações de gênero no cotidiano escolar*, são descritas situações observadas por diferentes autores, no que diz respeito ao cotidiano de 04 (quatro) escolas localizadas em diferentes regiões dos países: Caxoeirinha-RS (FRAGA, 2000), Belo Horizonte-MG (ALTMANN, 1999), Seropédica-RJ (PEREIRA, 2004) e Curitiba-PR (ALCANTARA, 2001).

O capítulo 5 aborda o percurso metodológico utilizado na pesquisa.

No capítulo 6, *Billy Elliot*, *Driblando o Destino* e os depoimentos de alunos e alunas do Colégio Estadual Maria Lopes de Paula, aborda-se o pensamento dos alunos e alunas acerca das relações de gênero e sexualidade, a partir de uma experiência pedagógica na qual utilizou-se o filme como um recurso de mediação e problematização de tais temáticas.

No capítulo das considerações finais é relatado que foi encontrado preconceito em relação aos homossexuais na escola. Entretanto, é relatado também que alguns jogos, desde que trabalhados já na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental, podem contribuir para que as crianças tenham uma nova concepção sobre a homossexualidade.

Objetivo Geral

Entender como a sexualidade e as relações de gênero se manifestam no ambiente escolar.

Objetivos Específicos

- Discutir o filme como um recurso pedagógico de mediação importante para o aprendizado dos conteúdos da Educação Física Escolar;
- Entender a discriminação que os homossexuais sofrem;
- Perceber como a igreja católica aborda a temática sexualidade;
- Relatar como a legislação trata a questão da homossexualidade;
- Entender o que os alunos pensam a respeito da temática sexualidade e relações de gênero;
- Compreender como se dão as relações de gênero no cotidiano das aulas de Educação Física, no recreio e na ocupação do espaço físico escolar;
- Explicar que a sexualidade tem que ser trabalhada na escola através da dimensão cultural e não somente através dimensão biológica.

1 ROMPENDO BARREIRAS IDENTITÁRIAS

Os homossexuais têm uma identidade marcada na nossa sociedade brasileira. Essa identidade marcada é discriminada em relação à identidade heterossexual que é considerada “normal”. Criaram-se pólos rígidos binários. Por exemplo: homossexual/heterossexual, gordo/magro, homem/mulher. Uma série de discursos constituíram e ainda contribuem para manter tal binarismo. Um pólo se torna o pólo positivo (normal/valorizado) e outro pólo é o negativo (anormal/discriminado) (ROSA, 2004, p. 82).

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente uma identidade específica como parâmetro em relação à qual outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem se quer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. (SILVA, *apud* FELIPE, 2000, p. 119).

Louro (2003b) escreve sobre diversos tipos de palavras que são utilizadas para as pessoas que estão em um determinado pólo. Para o pólo positivo as palavras utilizadas são: posição central, padrão, sem problema, natural, estável e normal. Para o pólo negativo são usadas: posição periférica, subordinado, problemático, exótico, marcado, marginalizado e excêntrico.

Os discursos construídos historicamente pregam que existe um único jeito de ser homem e um único jeito de ser mulher. Esse comportamento é genérico e universal. Se a pessoa não tiver as características universais será constantemente vigiada (BRITZMAN, 1996).

Para entender melhor essa oposição binária recorri ao livro organizado por Silva. Identidade é aquilo que você é. Por exemplo, ser brasileiro. Diferença é aquilo que o outro é: ele é argentino; ele é japonês. E ser brasileiro exclui outras possibilidades. Exemplo: sou brasileiro, portanto não sou argentino, não sou americano, etc. Então a identidade está sempre ligada a uma diferença (SILVA, 2005).

A identidade e a diferença não são fixas, não são naturais. É necessário admitir que existem diversas formas de ser homem, mulher, heterossexual, homossexual. Contudo, a categorização em pólos permite apenas pensarmos uma única forma de ser mulher, uma única forma de ser homem, uma única forma de ser heterossexual e uma única forma de ser homossexual. Exemplos: ser menino pressupõe gostar de futebol e ser menina pressupõe gostar de boneca. Para cada pólo é feita uma atribuição de valores positivos ou negativos. Um pólo recebe valores positivos e outro pólo recebe valores negativos e então se estabelece uma hierarquia e observa-se uma relação de poder. O grupo com a valorização positiva se torna a norma e vai ter acesso aos bens sociais; já o outro grupo vai ser discriminado (SILVA, 2005).

A relação de poder também se dá através da violência do homem contra a mulher. Para coibir essa prática existe a Lei Maria da Penha (Lei 11340/2006) que procura coibir a violência contra a mulher.

O pólo dos homens é chamado Casa dos Homens. E dentro deste pólo também existe hierarquia e os poderes entre os homens são diferentes. Então são estabelecidas relações intra-gênero (homem/homem; mulher/mulher) (LANG, 2001).

Quando um grupo está em um pólo e tem comportamentos que são admitidos somente pelo outro pólo está ocorrendo um cruzamento de fronteiras denominado Hibridismo. Essa atitude enfraquece a identidade do pólo em que se encontrava a pessoa antes do cruzamento (SILVA, 2005).

Mas o que torna ainda mais complexo é sua contínua transformação e instabilidade. O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários, mas também admitir que as fronteiras vem sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. (LOURO, 2004, p 28).

É importante salientar que a sociedade escolhe determinadas características para fazer as comparações. Em um período da história brasileira, mais precisamente na década de 50, um binário que existia era mulher casada/mulher solteira. A mulher casada que tivesse filhos era considerada “normal” e a mulher solteira era taxada de encaçada, solteirona (BASSANEZI, 1997).

Esquecemos de indagar a respeito das razões por que certas características (um pênis ou uma vagina, a cor da pele, o formato dos olhos ou do nariz) são tão especiais); deixamos de perguntar porque esses e não outros elementos (as orelhas, o tamanho das mãos ou dos braços, por exemplo) foram escolhidos como definidores de uma identidade sexual, de raça, étnica ou de gênero. Esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural; que ela é dita e nomeada sempre no contexto de uma cultura. Esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas: que determinados traços ou características podem ter importância, serem considerados notáveis e, então, se constituírem em “marcas” definidoras, ou ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes. (LOURO, 2000, p. 62).

A identidade sexual é transitória e é uma construção social. Somente os aspectos biológicos não vão determinar o comportamento sexual de uma pessoa. Um conjunto de fatores (Estado, escola, igreja, entre outros) e também o campo biológico vão estar interferindo na sexualidade de uma pessoa.

Existe uma corrente que acredita que a homossexualidade é definida geneticamente. Essa corrente é a essencialista. Já a corrente denominada construtivismo social diz o seguinte:

A outra matriz teórica é o construtivismo social, que não defende uma essência biológica da homossexualidade, em contra partida defende que a constituição da sexualidade de um sujeito é construída socialmente e que no processo as experiências podem gerar mudanças de identidades sexuais e que essas não são fixas. (ROSA, 2004, p. 50).

Existem diversos termos para tornar a identidade homossexual marcada: boiola, fresco, bicha, frango, pederasta, entendido e veado. O termo *queer*, que originalmente significava estranho nos Estados Unidos na década de 60 e 70, era usado para ofender os homossexuais. Atualmente o termo é utilizado pela própria comunidade gay e significa singular (ROSA, 2004). É um termo utilizado para identificar gays e lésbicas que querem desconstruir as relações de poder e que querem mostrar que eles não anormais e desviantes (LOURO, 2004).

Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade. (LOURO, 2004, p 38).

Diferentemente do que aconteceu com o termo queer, a palavra bicha que era utilizado pela comunidade gay passou a ser utilizada com uma forma de discriminação na cidade do Rio de Janeiro.

Os gays dos anos 30, para dar um sentido diferenciado para o termo discriminador viado, utilizavam a palavra bicha. Essa palavra tem sua origem na palavra francesa biche, que significa corça, feminino de veado. Contudo esse termo, caiu nas graças do povo (anos 60), e o termo que era utilizado apenas pelos gays de uma forma não agressiva, e de resistência ao apelido viado, tornou-se um feitiço contra o feiticeiro, e mais um apelido para discriminar os homens homossexuais. (ROSA, 2004, p. 62).

O Estado, através de sua legislação, e a igreja vão exercer forte influência sobre as identidades sexuais.

Um guia elaborado por um colégio marista (católico) vai mostrar a preocupação em torno da sexualidade:

A mulher, triste ou alegre, precisa controlar seus sentimentos ou deve mostrá-los de forma discreta. A menina não pode ter um grande número de amigas sendo que os beijos e os abraços entre as amigas devem ser evitados (ROQUETTE, *apud* FELIPE, 2000). Sua fala tem que ser pequena, e se tiver menos instrução, deve ficar em silêncio por mais tempo (BLANCHARD, *apud* FELIPE, 2000).

A aproximação entre os meninos também é controlada. Eles não podem andar em pequenos grupos ou conversar entre eles. O contato físico também deve ser evitado. E não podem colocar a mão no bolso para que não ocorra a masturbação (FELIPE, 2000). O homem precisa ser forte para que sua opinião seja respeitada (VIOLLET, *apud* FELIPE, 2000). Ele tem que trabalhar e ser competitivo (FELIPE, 2000).

Uma estratégia, para que meninos e meninas se mantenham afastados do tema sexualidade, é mantê-los sempre ocupados. Então se recomendam diversas atividades para ambos os sexos para que eles evitem pensamentos considerados perigosos (FELIPE, 2000). Outra estratégia é manter as crianças na ignorância sendo que a menina deve permanecer por mais tempo (FELIPE, 2000).

Uma estratégia, para que meninos e meninas se mantenham afastados do tema sexualidade, é mantê-los sempre ocupados. Então se recomendam diversas atividades para ambos os sexos para que eles evitem pensamentos considerados perigosos (FELIPE, 2000). Outra estratégia é manter as crianças na ignorância sendo que a menina deve permanecer por mais tempo (FELIPE, 2000).

O penúltimo Papa da igreja Católica, o Papa João Paulo II, aprovou um documento que foi elaborado em 2003 e que discrimina abertamente os homossexuais.

Mas na frase seguinte, a verdadeira e perversa face da instituição Eclesiástica aparece, e documento afirma que a inclinação homossexual é obviamente desordenada e que as práticas homossexuais são pecados contrários à castidade. (ROSA, 2004, p. 57).

Com relação à justiça brasileira e ao ordenamento jurídico, recentemente o juiz de direito Manoel Maximiano Junqueira Filho mostrou em diversas partes de uma sentença uma atitude homofóbica. Ele recebeu uma queixa-crime do jogador Richarlyson da equipe do São Paulo e não aceitou a queixa-crime tomando uma decisão preconceituosa.

Algumas partes da sentença do juiz são estas:

3. Se o tivesse rotulado de homossexual, o querelante poderia optar pelos seguintes caminhos; 3. B - se fosse homossexual, poderia admiti-lo, ou até omitir, ou silenciar a respeito. Nesta hipótese, porém, melhor seria que abandonasse os gramados...8. Quem presenciou grandes orquestras futebolísticas formadas: sejas, Clodoaldo, Pelé e Edu, no Peixe; Manga, Figueroa, Falcão e Caçapava, no Colorado; Carlos, Oscar, Vanderlei, Marco Aurélio e Dica, na Macaca, dentre inúmeros craques, não poderia sonhar em vivenciar um homossexual jogando futebol. (SENTENÇA DO JUIZ MANOEL MAXIMIANO JUNQUEIRA, 2007).

Os heterossexuais tem uma proteção maior do Estado. Com relação à legislação, precisam ser modificadas algumas leis para que a adoção, as pensões e outros direitos sejam estendidos para os homossexuais de todo território brasileiro.

A família sancionada pelo Estado exclui gays e lésbicas. Como consequência, casais constituídos por sujeitos do mesmo sexo enfrentam imensas dificuldades de manter a guarda dos filhos ou são sumariamente impedidos de adotar crianças; aos membros dessas famílias "ilegítimas" usualmente se nega o direito de receber herança do companheiro ou companheira mortos ou de tomar decisões quando ele/ela enfrenta perigo de vida. (LOURO, 2004, p. 88).

Contudo, no Brasil existem alguns avanços na legislação e alguns direitos já são respeitados em alguns tribunais de justiça: pensão para o companheiro ou companheira de funcionários públicos do Governo do Estado do Rio de Janeiro que faleceram, partilha de bens após a separação de um casal homossexual e adoção de crianças feita por casais de homossexuais.

Agora, Freitas luta pelo cumprimento de sentença judicial que, pela primeira vez na história da justiça de São Paulo, e a um só tempo determinou: 1) que os dois viveram uma união homoafetiva estável; 2) que essa união foi dissolvida; 3) que seja feita a partilha dos bens, bem poucos, diga-se, amealhados pelo par durante os cinco anos e meio de união. (CAPRIGLIONE, 2008, p. c15).

Para se perpetuar a heteronormatividade são disseminados três mitos:

Em primeiro lugar não se pode falar dos homossexuais. Tem que se falar apenas dos heterossexuais. Falando-se somente dos heterossexuais, as pessoas não se tornariam homossexuais porque não optariam por algo desconhecido.

O segundo mito é de que na família de uma criança só existe um único tipo de família: o pai, a mãe e os filhos. Um outro tipo de família como por exemplo um casal de homens que adotou duas crianças não é lembrado (BRITZMAN, 1996).

O terceiro mito refere-se ao ambiente público e ao ambiente privado. No ambiente privado a homossexualidade pode aparecer. Mas no ambiente público (fora de casa) a homossexualidade não deve ser demonstrada e a pessoa deve esconder seus sentimentos. A pessoa deve permanecer no armário e não deve sair de dentro dele. Permanecer dentro do armário é manifestar a homossexualidade somente no ambiente privado e sair do armário é manifestar a sexualidade tanto no ambiente doméstico como fora dele (BRITZMAN, 1996).

2 TELEVISÃO, FILMES E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Neste capítulo pretende-se discutir o filme como recurso pedagógico nas aulas de Educação Física do ensino fundamental e médio. São apontadas algumas estratégias metodológicas para problematizar questões da Educação Física Escolar, a partir de alguns filmes que podem ser utilizados na escola.

A televisão está presente no cotidiano dos alunos das escolas do ensino fundamental. Alguns conteúdos da Educação Física (os esportes de alto rendimento, por exemplo) estão presentes na TV e em outros veículos de massa tais como jornais, revistas e internet. A transmissão de um evento esportivo, uma propaganda que utiliza jogadores profissionais ou filmes que abordam algum aspecto da Educação Física vão influenciar os alunos da escola que gastam uma parcela do seu tempo disponível utilizando a TV. Então os alunos acabam formando um conceito sobre o esporte e é importante a interferência dos professores para que esse conceito seja elaborado através de uma forma crítica. Uma das formas de se fazer uma análise crítica é comparar o que é mostrado na TV com o que acontece na realidade (BATISTA; BETTI, 2005).

Existe uma grande quantidade de informações circulando na TV mas muitas delas estão atendendo aos interesses econômicos. Contudo os receptores (alunos) não são tão ingênuos e conseguem interpretar muitas das informações veiculadas nas mídias (BETTI; COSTA, 2006).

É interessante salientar que as transmissões esportivas não estão presentes somente na TV aberta e a TV por assinatura (TV fechada) já alcança uma parte da população brasileira.

O índice médio de audiência de um jogo de futebol em canal aberto, a partir de dados do Ibope (2004) é de aproximadamente três milhões de espectadores, considerando um universo de quase dezesseis milhões e meio de pessoas na região da grande São Paulo, enquanto os jogos pagos em canal fechado (Sportv) chegaram a um público de quatrocentos e setenta mil, de um universo de quatro milhões e meio, levando em consideração que o grupo observado tem idade a partir dos dezoito anos, nas praças de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Paraná e Distrito Federal. (MOREIRA, 2006, p. 24).

Uma outra pesquisa do Ibope mostra a quantidade de crianças e jovens que estão em contato com algum tipo de mídia.

Outras duas pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, 2005), mostram que no seguimento infanto-juvenil (dos 4 aos 17 anos) ao longo das 24 h do dia, os canais de TV por assinatura apresentam um alcance diário médio de 56,7 % ou 497 mil pessoas por dia, que gastaram em média 2 h 20 min na frente da TV paga, e que em fevereiro de 2005, 11 milhões de pessoas “navegaram” pela web a partir de suas casas, um número 3,5 % maior que o mês anterior. A maior utilização de serviços foi a de setores da internet que possibilitam a comunicação entre o internauta e seus pares. (BETTI; COSTA, 2006, p. 167).

Eco vai escrever sobre duas correntes: uma à favor da TV e uma outra contra a TV:

Eco (1970) já questionava certos aspectos polêmicos quando publicou *Apocalípticos e Integrados*, sua obra clássica que há muito é referencial para o tema. Eco denunciava a existência de dois grupos com visões radicalmente opostas, cada qual atacando ou defendendo a TV e suas possibilidades na sociedade. O próprio título do livro deixava claro o antagonismo: de um lado aqueles que compreendiam a TV como propagadora de uma cultura conservadora e alienante, com poder para dirigir e cercear as pessoas e suas consciências e dominar as massas; de outro lado os que entendiam como uma ampliação do mundo do espectador, não sendo o meio um problema em si, mas a utilização equivocada que dele se faz. (BATISTA; BETTI, 2005, p. 136).

É necessário ficar atento pois muitas vezes o que vai aparecer na TV vai ser o esporte espetáculo e não o esporte da escola. Esse esporte de alto nível precisa ser compreendido pelo aluno. E ele precisa entender que o esporte da escola pode ter vários elementos diferentes do esporte de “alto” nível (esporte espetáculo).

Betti (1998) evidencia o surgimento do que denomina “esporte telespetáculo”, fenômeno construído pela televisão. Há diferenças importantes entre as experiências do telespectador que assiste ao jogo confortavelmente em sua casa e as do torcedor que vai pessoalmente ao ginásio ou estádio, entre elas a “autonomia visual do telespectador”. Aquele que assiste de casa terá de se conformar em assistir àquilo que a televisão mostra, mas pode, em contrapartida, ter uma perspectiva do torcedor que está na arquibancada, do técnico que está no banco de reservas, ou mesmo do piloto que está dentro do carro de corrida. O torcedor tem a “sensação” de cada lance no instante em que acontece, junto ao calor da torcida; já o telespectador tem a possibilidade de ver replays, closes, mas terá de se contentar com o “jogo” de imagens e sons que a televisão transmite tentando tornar o evento o mais “atual” possível. O esporte telespetáculo é, portanto, uma realidade textual relativamente autônoma, construída pela mediação do olhar interessado das câmeras televisivas. (BETTI; COSTA, 2006, p. 169).

E como podemos trabalhar com a TV e com os filmes nas aulas de Educação Física Escolar ?

Foi exibido por dois pesquisadores um desenho animado denominado Rocket Power para uma turma de segunda série do ensino fundamental em um colégio particular de São Paulo (BATISTA; BETTI, 2005, p. 140).

No episódio escolhido - há uma disputa de carrinhos de rolemã – denominado no desenho de “skate deitado” – entre dois amigos e, um deles vence valendo-se de um recurso ilícito, tomando um atalho para encurtar o percurso. O enredo desenvolve-se a partir deste fato e da inquietação do ganhador. Esconder a verdade e continuar sendo o vencedor da prova, ou assumir a fraude e reconhecer seu erro. (BATISTA; BETTI, 2005, p. 141).

Os pesquisadores utilizaram-se de diversas maneiras para trabalhar o desenho animado com os alunos. Iniciaram uma conversa com perguntas que foram elaboradas pelos dois autores. Em outra parte da atividade os alunos precisavam recontar a história com suas próprias palavras. Também escreveram uma redação e dramatizaram uma determinada cena do desenho (BATISTA; BETTI, 2005).

Na escola estadual onde leciono, quando vou trabalhar o conteúdo futebol com quintas e sextas séries, falo um pouco sobre o futebol profissional. Conversamos sobre o curto tempo de trabalho do jogador de futebol profissional, sobre a corrupção envolvendo a arbitragem e o excesso de treinamento. Passo algumas histórias do filme brasileiro “Boieiros: era uma vez o futebol”: a história do juiz que foi subornado, a história do jogador bichado e a história do jogador que já foi famoso e que nadava em dinheiro e que agora coloca os troféus à venda pra conseguir algum dinheiro para sobreviver. Também elaborei dois exercícios que abordam a temática futebol. Boleiros teve uma seqüência em 2006: Boieiros: vencedores e vencidos.

A mensagem mais abrangente e que serve como “epitáfio” para “Boieiros” está na presença sóbria e emocionante da figura do jogador Naldinho (Flávio Migliaccio em estado de graça), o ex-craque que era adorado pelos times que passou e hoje vive esquecido, amargurado, vivendo de glórias passadas e lamentando o fato de nunca ter aproveitado realmente o seu ápice como jogador para se estabelecer na vida. (A PAIXÃO, A EMOÇÃO E O HUMOR FERINO DO FUTEBOL BRASILEIRO NO CLÁSSICO “BOLEIROS”, 2007).

Também já utilizei o filme Pássaros (curta-metragem que está presente no mesmo DVD de Monstros S/A) para abordar o tema preconceito. Neste filme temos um pássaro que tem um tamanho e uma voz que é diferente dos demais pássaros.

O pássaro maior tenta se aproximar dos pássaros menores mas esses não querem integração. E o final do filme é inesperado.

No início de cada ano, nas turmas que estão tendo a primeira aula de Educação Física comigo, conto a história da minha namorada japonesa chamada Honda e do seu pai Suzuki. Conto que para entrar na casa da Honda para namorá-la no sofá, eu precisava fazer um ritual chamado RAISCH. Esse ritual é uma mistura de uma luta com uma dança e é muito “sério”. Compartilho com os alunos esse ritual. Depois de feito o ritual, mostro para os alunos algumas cenas do filme Kung Pow. Digo que assistia com a Honda e com o Senhor Suzuki (no sofá sentava-se Eu, Senhor Suzuki no meio e a Honda) alguns filmes de luta tais como filmes com o Bruce Lee, Jack Chan e Jet Lee. Então digo para os alunos que vou mostrar um pequeno trecho de um filme que eu e Honda assistíamos na sua casa. O filme é uma comédia e foi baseado em alguns filmes de artes marciais da década de 70. No início do filme, o Escolhido, ainda bebê, está prestes a ser morto pelo mestre Condor. A emoção toma conta das crianças quando o bebê consegue segurar o golpe que mestre Condor realiza com uma faca. Exibo também a cena da vaca matriz que luta com o Escolhido já adulto.

Esta é a terceira comédia dirigida por Steve Oedekerk, que antes havia feito Ace Ventura - Um Maluco na África, com Jim Carrey, e Nada a Perder, com Tim Robbins e Martin Lawrence. Kung Pow é uma sátira aos filmes de artes marciais, na qual Oedekerk usou um recurso bem engraçado: depois de comprar os direitos de um obscuro filme de kung fu de 1976, chamado Savage Killers, ele usou tecnologia digital para inserir personagens e cenas atuais na película, além de providenciar uma nova dublagem, acrescentando uma série de diálogos cômicos. O herói é - The Chosen One - prodígio do kung fu que cresce com uma idéia fixa na cabeça: vingar-se do lendário e cruel - Master Pain - o tirano que assassinou seus pais. (KUNG POW - O MESTRE DA KUNG-FU-SÃO, 2002).

Os recursos gráficos, a substituição de um texto escrito por um filme e a emoção que um filme pode proporcionar destacam a importância de se utilizar a TV na Educação Física Escolar:

A utilização da TV, através da gravação de programas em vídeo, possibilitaria várias vantagens para o ensino da Educação Física Escolar, na opinião de Betti (2001): a) tornaria o debate e a reflexão mais motivantes posto que trata de temas atuais e polêmicos com os quais os estudantes já tomaram algum contato; b) apresentaria uma linguagem mais sintética, conjugada com imagens e recursos gráficos, o que é atraente para os alunos; c) daria destaque para as temáticas que muitas vezes não geram interesse se abordadas pelo professor; d) resumiria os conteúdos, podendo

substituir de forma vantajosa as aulas expositivas e os textos escritos; e) atinge-nos inicialmente pela emoção, comovendo os alunos e abrindo espaço para a atuação do professor como mediador em busca de leituras mais racionais e críticas. (BATISTA; BETTI, 2005, p. 139).

3 RELAÇÕES DE GÊNERO NO COTIDIANO ESCOLAR

Neste capítulo serão descritas situações que ocorreram em uma turma de quinta série de uma escola de Belo Horizonte, em uma turma de oitava série de uma escola de Cachoeirinha (região metropolitana de Porto Alegre), em uma turma de segunda série e terceira série do CAIC (Centro de Apoio Integral à Criança) de Seropédica (RJ). E também situações que ocorreram no Colégio Estadual Bom Pastor de Curitiba.

A Escola Municipal Maria Fausta Teixeira de Cachoeirinha, desde 1997, tem aulas de Educação Física mistas. As aulas de Educação Física, devido ao pouco espaço que a escola disponibilizava para essa disciplina, realizavam-se em uma praça pública que se situava bem perto da escola (FRAGA, 2000). Antes de 1997, as aulas de Educação Física eram separadas por sexo: os meninos tinham aula com um professor e as meninas tinham aula com uma professora (FRAGA, 2000).

No CAIC a pesquisadora se utilizou de diversos instrumentos para a realização da pesquisa: questionários, desenhos, entrevistas com docentes e alunos e observações das aulas de Educação Física, horário de almoço e recreio (PEREIRA, 2004).

No Bom Pastor, foram observados o horário antes do início da primeira aula, o recreio e as aulas de Educação Física de uma turma de quinta série. Também foram feitas entrevistas com a professora de Educação Física e com os alunos (ALCANTARA, 2002).

Em Belo Horizonte, meninos e meninas tinham estratégias para conquistar seus espaços: as meninas respeitavam as normas escolares enquanto que os meninos as desrespeitavam. Essas estratégias podem ser visualizadas principalmente um pouco antes do início da aula. A professora solicitou que meninos e meninas guardassem suas mochilas e sentassem para aguardar a chamada. Os meninos não paravam: corriam e trocavam socos entre si. Já as meninas eram mais comportadas (ALTMANN, 1999a). Em outro momento, o comportamento diferenciado se repetiu:

Devido à chuva daquele dia, a professora levou a turma para a sala de vídeo e explicou que poderiam escolher entre dançar, jogar dama, jogo de prego ou tazo. Enquanto ela tentava organizar a aula, os meninos corriam

dispersos, faziam estrelinha, brigavam um com o outro enquanto todas as meninas aguardavam sentadas pelo início das atividades programadas. (ALTMANN, 1999a, p. 163).

Nas fichas nas quais eram registradas as infrações (chegar atrasado, gazeir aula, brigar) cometidas pelos alunos, os meninos tinham muito mais ocorrências que as meninas. As meninas só tinham mais ocorrências que os meninos em um item: problemas com o uniforme (ALTMANN, 1999a).

É interessante assinalar uma situação em que as meninas violam a norma mas somente quando a professora está em um outro espaço. A observadora estava no espaço e relatou o fato da seguinte maneira:

Ficamos a sós na sala, as meninas e eu, e a porta fechada. Elas foram se levantando e uma delas pediu-me para colocar música. Tão logo liguei o som, algumas começaram a correr de um lado para outro da sala pulando e batendo com os dois pés contra as paredes. (ALTMANN, 1999a, p. 163).

Em Cachoeirinha, as atividades gimno-rítmicas fizeram parte do conteúdo da aula de Educação Física. No início das aulas, a professora ficava na frente da turma e ensinava os passos que deveriam ser repetidos pelos alunos. A disposição da turma era a seguinte: meninas ficavam na frente enquanto que os meninos ficavam atrás das meninas (FRAGA, 2000). Com o passar tempo, a metodologia da aula passou a ser essa: formavam-se pequenos grupos que criavam algum passo que seria, em um outro momento, repassado para o grande grupo.

Os meninos passaram então a realizar o exercício de uma forma “desengonçada”, “naturalmente” desajeitada, na qual procuravam deixar evidente que essa solicitação corporal não era correspondente à “verdadeira” habilidade masculina. (FRAGA, 2000, p. 120).

Os meninos mudaram um pouco de comportamento e passaram a se envolver mais com as atividades gimno-rítmicas. Os meninos mostraram resistência ao se depararem com o conteúdo dança. Talvez, eles consideravam que esse fosse um conteúdo exclusivo das meninas. E se eles praticassem, poderiam ser taxados de mariquinhas ou homossexuais. Contudo, pode ser abordado um outro enfoque: os meninos podiam estar mais retraídos pelo fato de o conteúdo ser novo e ser totalmente diferente dos esportes tradicionais que são ensinados pela escola.

Em Cachoeirinha uma menina marcou um gol em uma partida de futebol e provocou alguns comentários:

Essa sensação ficou mais explícita no dia em que os guris jogaram com as gurias na presença de alguns amigos mais velhos, que inclusive eram ex-alunos da própria escola. Aparentemente os meninos da turma estavam menos à vontade do que o habitual. Em um determinado momento do jogo, um deles sofreu um gol marcado por uma das meninas. Isto provocou imediata “gozação” dos ex-alunos. O menino tentou reparar a situação dizendo que tinha deixado a bola passar para “equilibrar” o jogo. Entretanto, o fato é que não conseguia reconhecer o mérito da jogada muito bem executada por ela. (FRAGA, 1998, p. 65).

Em Belo Horizonte situação semelhante ocorreu quando uma menina cruzou a fronteira:

Certa aula, as meninas jogavam vôlei e queimada e os meninos futebol. Aline dirigiu-se para a quadra de futebol, mas os meninos não queriam deixá-la jogar, argumentando que havia muita gente. Vendo que ela não desistia da idéia, Robson disse: “Você vai catar, então”, ou seja, Aline seria goleira. Ela não aceitou a imposição, ficou por ali até um deles consentir sua participação. Durante o jogo, quando roubou a bola dos pés do Marcelo, Robson prontamente gritou: “Pra menina, Marcelo! Pra menina!”. Logo mais Aline fez um gol e, ao término da partida, outro menino fez o seguinte comentário a um colega: “Só você não fez gol. Até Aline fez! (ALTMANN, 1999b, p.114).

Para os meninos, possuir menor habilidade no futebol que as meninas foi uma situação constrangedora. Um menino que tem um desempenho considerado inferior por outros colegas, ao ser comparado com uma menina, acaba sendo criticado por outros colegas.

Para a sociedade em geral existem dois pólos: o comportamento das meninas deve estar inserido em um universo enquanto que o comportamento dos meninos está em outro. Então cria-se uma divisão binária. E quando uma menina se insere no outro universo do menino (e vice-versa), ocorre um cruzamento de fronteiras.

A transgressão de fronteiras generificadas resultará provavelmente no questionamento social da identidade do/a transgressor/a, bem como na penalizante insistência de que formas de masculinidade e feminilidade devem ser estabelecidas como rigidamente opostas, como desvinculadas do processo de construção social. (BRITZMANN, 1996, p. 76).

No colégio de Belo Horizonte existia uma divisão no recreio:

“a ocupação das quadras esportivas era diferenciada por gênero: nas de queimada, meninos e meninas jogavam juntos e, nas duas quadras poliesportivas, meninos jogam futebol” (ALTMANN, 1999b, p. 113).

E lá existiu o cruzamento de fronteiras. Em um recreio, as meninas, estrategicamente, chegaram mais cedo na quadra. Organizaram-se, formaram dois times de futebol e jogaram durante o recreio. Os meninos ficaram ao redor da quadra e surgiu um impasse: eles também queriam participar. Pelo texto de Helena Alltmann, não consegui descobrir como terminou essa estória. Mas ela menciona que as meninas eram chamadas de Maria-Homem durante o jogo (ALTMANN, 1999 b).

No Colégio Estadual Bom Pastor o jogo verdade ou desafio é um jogo que envolve a sexualidade. Neste jogo meninos e meninas participam juntos.

A brincadeira é assim: forma-se um círculo e no centro dele é colocada uma garrafa de plástico. Uma pessoa gira a garrafa e quando ela pára a seguinte situação ocorre: o bico da garrafa vai apontar para uma pessoa e a outra extremidade da garrafa vai estar apontando para outra pessoa. Um vai perguntar: verdade ou desafio? A outra pessoa vai escolher se quer verdade ou desafio. Se a pessoa escolher desafio ela vai ter que cumprir uma tarefa. Já se a pessoa escolher verdade ela vai ter que responder uma pergunta.

Algumas perguntas formuladas foram estas:

De quem você gosta?

Você tem namorada?

Alguns dos desafios eram estes:

Desafio você abraçar um menino da oitava.

Desafio você abraçar uma menina da oitava.

Dar um selinho nele/a.

Dar um beijo de língua.

Passar a mão na bunda de uma pessoa.

Beijar no rosto.

Ascender e apagar as luzes do colégio.

Pegar tomate e jogar no banheiro do colégio. (ALCANTARA, 2002, p. 15).

Sobre a ocupação do espaço físico da escola, no CAIC de Seropédica somente os meninos ocupavam o campo de futebol e praticavam neste local o futebol:

Em um determinado dia de observação, os meninos das terceiras e quartas séries ocuparam o campo de futebol. Perguntei a eles por que as meninas não estavam jogando. Alguns disseram que elas não sabem jogar futebol e atrapalham, e quando jogam, sempre se machucam e põe a culpa neles. (PEREIRA, 2004, p. 89).

No Bom Pastor situação semelhante aconteceu já que somente os meninos ocupavam o ginásio antes do início das aulas nas sextas-feiras:

Nas sextas-feiras, antes do início da primeira aula do dia, somente os meninos – principalmente os mais velhos – jogavam futebol na quadra do ginásio. A sistemática do jogo era a seguinte: duas equipes jogavam entre si e os meninos que iam chegando iam fazendo próxima. O time que vencia continuava jogando. Alguns meninos da quinta “A” participavam desse futebol. Uma menina da quinta “A” não participava do futebol pois tinha medo de se machucar: Se eu participar, se eu for prensar uma bola, eu vou me machucar. Eles são maiores, mais fortes. Uma prensada deles, eu vou pra frente, eu vou com tudo. Eu posso me machucar, quebrar meu braço, cair de mau jeito. (ALCANTARA, 2002, p. 17).

É interessante salientar que determinados comportamentos impostos pelos professores que salientam a separação aparecem na pré-escola e vão se perpetuando por grande parte do período escolar. Esse comportamento se torna tão praticado e os docentes entendem isso como natural e não como uma construção social.

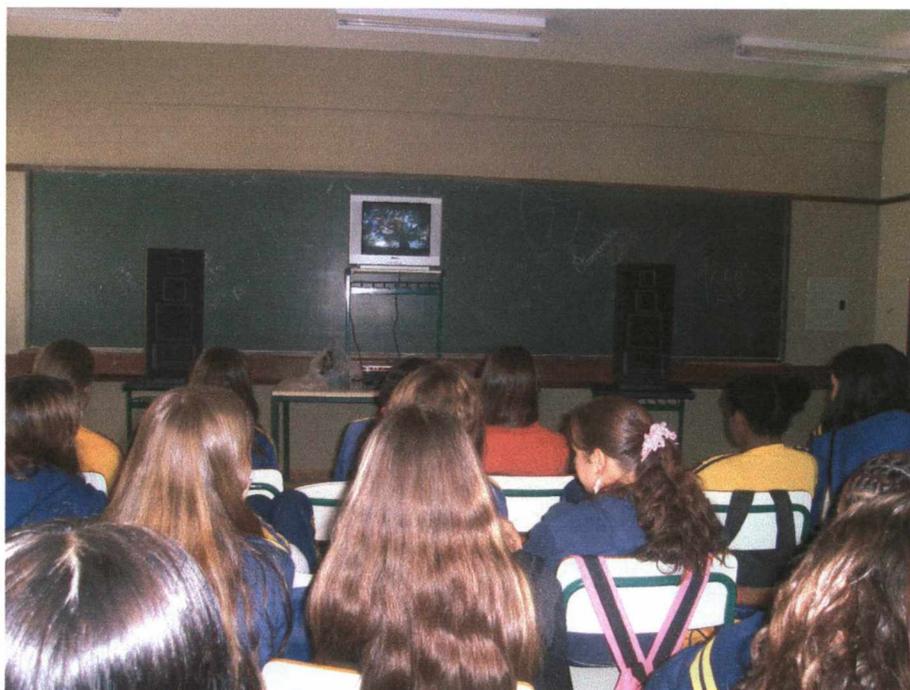
Já se naturalizou fazer filas por sexo. Não é norma da escola. Ordem por tamanho é norma da escola, e algumas professoras fazem fila única. Talvez a mudança deve iniciar no jardim de infância. Já está tão enraizado e as professoras não refletem sobre isso. Quando eu organizava filas fazia por sexo. (PEREIRA, 2004, p. 66).

4 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é a pesquisa de campo qualitativa. Foram exibidos dois filmes no início de dezembro de 2006 para duas turmas do Colégio Estadual Maria Lopes de Paula: Billy Elliot para a turma 6C e Driblando o Destino para a turma 6A.



FOTOGRAFIA 1 – ALUNOS DA 6C ASSISTINDO AO FILME BILLY ELLIOT
FONTE: O autor (2006)



FOTOGRAFIA 2 – ALUNAS DA 6A ASSISTINDO AO FILME DRIBLANDO O DESTINO
FONTE: O autor (2006)

Neste ano de 2006, somente meninos faziam parte da 6C e somente meninas faziam parte da 6A. Atuei como professor de Educação Física dessas turmas no ano de 2006. Após a exibição dos filmes foi feita uma entrevista coletiva em cada turma. As entrevistas coletivas eram semi-estruturadas e tinham um roteiro que foi elaborado previamente. O roteiro da entrevista da 6A tinha 12 perguntas e o roteiro da 6C continha 7 perguntas. As perguntas eram dirigidas à turma toda.

A entrevista é semi-estruturada quando o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realize explorações não-previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa. (NEGRINI, 1999, p. 74).

As informações obtidas nas respostas foram gravadas em uma câmera digital Sony DSC – S600 e posteriormente analisadas. Para a exibição dos filmes foi utilizado uma TV de 20 polegadas tela plana, um aparelho de DVD, um amplificador e duas caixas de som. Utilizaram-se caixas de som pois o som da TV era um pouco baixo.

5 BILLY ELLIOT, DRIBLANDO O DESTINO E OS DEPOIMENTOS DOS ALUNOS E ALUNAS DO COLÉGIO ESTADUAL MARIA LOPES DE PAULA

Neste capítulo os filmes *Billy Elliot* e *Driblando o Destino* são analisados. As entrevistas dos alunos e alunas do Colégio Estadual Maria Lopes de Paula também são discutidas neste capítulo.

Driblando o Destino foi o filme que foi exibido para a turma 6A do Colégio Estadual Maria Lopes de Paula.

*Driblando o destino*¹ (*Bend it like Beckham*), de Gurinder Chadha foi lançado no ano de 2002 e foi feito na Inglaterra.

O filme *Bend it like Beckham* trata de uma adolescente indo-inglesa, Jesminder Bhamra (Jess), que idolatra David Beckham, e uma adolescente inglesa, Juliette Paxton (Jules), que tem como ídolo a estrela do futebol dos Estados Unidos Mia Hamm. As paredes do quarto da primeira são cobertas por fotografias de David Beckham e de sua equipe na época, o Manchester United; no quarto de Jules as fotos são do futebol feminino dos Estados Unidos. (SOARES, 2006, p. 55).

Jess joga futebol em um parque público de Londres com seu grande amigo Tony e outros homens. Jules observa o jogo de Jess e a convida para fazer um teste no Hounslow Harriers, clube da cidade de Londres. Jess é aprovada no teste e passa a treinar na equipe. Jules e Jess se tornam grandes amigas.

Jess não tem o apoio de seus pais durante grande parte do filme. Eles acreditam que a filha não deve jogar futebol; deve escolher outros caminhos tais como o casamento e a faculdade de direito:

Sra. Bhamra – “ Jess, minha querida. Agora que sua irmã ficou noiva é diferente. Você sabe o que as pessoas falam.”

Jess – “É ela que vai casar, não eu.”

Sra. Bhamra – “Na sua idade eu já estava casada.”

¹ Diretor: Gurinder Chandha País/ano: Inglaterra/2002. Sinopse: O sonho de Jesminder Bhamra é seguir o caminho de seu ídolo, David Beckham, e se tornar uma jogadora profissional de futebol. Entretanto, a jovem enfrenta problemas em sua família, que deseja que ela siga os costumes indianos tradicionais, tal qual sua irmã mais velha, Pinky. O confronto entre as partes chega ao ápice quando Jesminder é obrigada a escolher entre a tradição de seu povo e seu grande sonho (SOARES, 2006, p. 55).

A expectativa familiar é de que Jesminder incorpore o padrão cultural feminino indiano, mas também que, como uma boa jovem de classe média, estude para ser uma advogada competente, construindo-se, portanto, ao mesmo tempo como uma mulher independente intelectual e financeiramente. (GUEDES, 2006, p. 43).

Já Alan (pai de Jules) apóia totalmente a escolha da filha. Tem uma cena em que pai e filha jogam futebol no quintal de casa. Já Paula (mãe de Jules) não apóia a filha.

Paula se aproxima do futebol no final do filme. Tem uma cena bem engraçada em que Alan explica o conceito de impedimento para Paula com alguns condimentos que estavam sobre a mesa:

Alan – “O molho é o goleiro.”

Alan – “A mostarda é a defesa.”

Alan – “O sal é o atacante.”

Alan – “Quando a bola for jogada para frente o sal marinho tem que estar junto com a mostarda.”

Alan – “Agora observe e concentre-se.”

Alan – “Illegal, legal, ilegal, legal.”

Entretanto Paula se preocupa com a sexualidade da filha e mostra ser homofóbica em uma cena do filme:

Jess vai à casa de Jules para esclarecer o quase beijo que ela deu em Joe (treinador). Elas brigam e Jules diz que se sente traída. Paula Paxton escuta parte da discussão e conclui que elas são namoradas e que é por isso que a filha anda triste. Senta-se ao lado do sr. Paxton e diz estar preocupada com o futuro da filha, em função de sua opção sexual. Nesse momento, ela comenta como a vida privada de George Michael havia sido exposta. Seu marido responde que, independente disso, ela continua fã das músicas dele. (SOARES, 2006, p. 65).

Paula se mostra aliviada ao descobrir que sua filha não é homossexual:

Há, ainda, outras duas cenas, ligadas ao tema, sobre as quais gostaríamos de chamar a atenção. Elas ocorrem quando a mãe de Jules está extremamente aliviada porque percebe seu equívoco, descobrindo, aliás, que não apenas sua filha e Jess não são amantes com estão, as duas ao mesmo tempo, apaixonadas pelo treinador (motivo do conflito entre as amigas). A primeira cena, entre mãe e filha, ocorre no momento de uma dupla descoberta: a mãe descobre que a filha não é lésbica na mesma hora em que a filha descobre a suspeita materna. A moça, brandindo valores mais modernos, nega sua própria homossexualidade, mas sustenta o princípio da liberdade de opção e escolha sexual. Sua mãe, então, como a maioria dos pais, embriagada de felicidade, concorda que homossexualidade é uma “coisa natural”. Evidentemente, para a filha dos outros. (GUEDES, 2006, p. 51).

Analisando o depoimento das alunas da 6A verificou-se que:

Com relação ao jogo “corrida do baralho”, para uma menina sentar no colo de outra menina é uma situação constrangedora:

“Ela fala que acho horrível porque ela é mulher. Ela prefere sentar no colo de um homem do que no de uma mulher. Ela ia se achar sapatão ali naquela hora.”

Já outra menina não vê problema em sentar no colo de outras meninas:

“Eu acho normal porque se fosse assim eu e a Laura, a gente era sapatão, porque toda vez que ela chega ela senta no meu colo.”

Com relação à pergunta se existia algum esporte que deveria ser praticado somente por mulheres ou por homens uma aluna acredita que um esporte não dever ser praticado pela mulher.

“Eu acho que sim. Tem esporte que é pra mulher e pra homem. Tem umas mulheres, que nem aqueles negócios, fica toda forte. Eu acho feio esse esporte de ficar musculoso. Eu acho que deveria ser só para homem.”

Já outras meninas acreditam que não é preciso ter divisão:

“A mulher tem todo o direito de participar de outros esportes.”

“Mulheres e homens tem direitos iguais.”

É interessante salientar que alguns pais cozinham e estão rompendo as “fronteiras” de gênero:

“Meu pai cozinha. Ele cozinha de tudo: arroz, feijão, batata, macarrão.”

“O meu também sabe cozinhar: lasanha, sabe fazer panqueca, sabe fazer bolo, um pouquinho de tudo.”

“Meu pai sabe cozinhar sopa de peixe, arroz com frango.”

Contudo tem uma menina que revelou que seu pai não cozinha ou cozinha raramente:

“Meu pai não cozinha. Ele não cozinha porque ele fala assim que como tem 3 mulheres dentro de casa ele não precisa fazer nada. Ele cozinha mas muito de vez em quando, só quando ele quer porque tem 3 mulheres dentro de casa. Então ele não precisa fazer nada.”

Ao serem perguntadas como reagiriam ao verem duas pessoas do mesmo sexo se beijando encontramos algumas opiniões homofóbicas e outras não preconceituosas:

“Uma nojera. É horroroso.”

“É muito feio professor. Imagine duas meninas se beijando.”

“Eu acho mal ver uma pessoa, eu beijando assim uma menina ou um homem beijando homem. No programa beija sapo, eu vi o homem beijando outro homem: muito feio.”

“Que graça tem homem com homem e mulher com mulher ?”

“Eu acho que é normal. Não sou que dou comida para elas. Eles fazem o que eles quiserem. O dinheiro é deles. Não sou eu que mando neles.”

“Eu nunca vi. Só vi pela televisão. Mas eu acho uma coisa normal.”

É interessante o depoimento de uma aluna que gostou da parte em que a mãe de Jules demonstra interesse pelo futebol:

“Eu gostei da parte que o homem tava ensinando a mulher a como jogar futebol para os três ficarem em uma família que gostavam de jogar futebol. Para a mulher não ter preconceito com aquilo.”

A história do filme *Billy Elliot*² se passa em 1984, na cidade de Durham, Inglaterra. Billy tem 11 anos e mora com sua avó, seu pai e seu irmão. A mãe faleceu em 1983. Outros personagens do filme são: a professora de balé, a filha da professora (Debbie), o amigo e vizinho Michael e o treinador de Boxe.

O pai e o irmão de Billy trabalhavam em mineradoras de Carvão e estavam em greve. Billy freqüentava aulas de boxe mas não se sentia realizado. Os treinos de balé eram no mesmo ginásio e no mesmo horário. Depois de uma aula de boxe Billy foi entregar as chaves do ginásio para a professora de balé. Estava ocorrendo uma aula de balé, Billy se aproxima e acaba entrando na aula. Billy gosta da aula e acaba trocando o balé pelo boxe. A alegria imensa de Billy é percebida quando ele coloca as sapatilhas de balé no pescoço e sai dançando pelas ruas do bairro. Billy não conta para sua família sobre sua troca. Quando seu pai descobre verificamos o preconceito:

2 Diretor: Stephen Daldry. País/ano: Inglaterra/2000. Sinopse: Billy Elliot (Jamie Bell) é um garoto de 11 anos que vive numa pequena cidade da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. Obrigado pelo pai a treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé, ao qual tem contato através de aulas de dança clássica que são realizadas na mesma academia onde pratica boxe. Incentivado pela professora de balé (Julie Walters), que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se dedicar de corpo e alma à dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade de seu irmão e seu pai à sua nova atividade (BILLY ELLIOT, 2008).

Billy – “Qual é o problema com balé ?”
Pai – “Qual é o problema com balé ?”
Billy – “É perfeitamente normal.”
Pai – “Perfeitamente normal ?”
Avó – “Eu também fazia balé.”
Billy – “Viu só.”
Pai – “Sim, para sua vó.”
Pai – “Não é para meninos Billy. É para meninas.”
Pai – “Meninos jogam futebol, lutam boxe ou luta livre.”
Billy – “Que meninos fazem luta livre ?”
Pai – “Não comece Billy.”
Billy – “Eu não vejo nada de errado.”
Pai – “Você sabe muito bem.”
Billy – “Não sei não.”
Pai – “Você sabe sim.”
Pai – “Está pedindo uma surra.”
Billy – “Não é só para bicha pai.”

Billy resiste, recebe o apoio da professora de balé e tem aulas particulares com ela. Billy tem um desempenho fantástico nas aulas e ele é inscrito na seleção do Royal Ballet School. O Royal é uma escola de dança situado na cidade de New Castle.

Billy e seu amigo e vizinho Michael compartilham segredos:

Billy – “Minhas mãos estão congelando.”
Michael – “Me dá suas mãos.”
Billy – “O que você está fazendo ?”
Michael – “Nada. Só estou esquentando as suas mãos.”
Billy – “Você é bicha ?”
Michael – “O que faz você pensar isso ?”
Billy – “Pego minhas mãos.”
Michael – “Eu gosto disso.”
Michael dá um beijo no rosto de Billy.
Billy – “Só porque eu gosto de balé não significa que eu sou bicha.”
Michael – “Não conta pra ninguém.”

Michael gostava de pintar o rosto e vestir roupas da irmã. Billy, algumas vezes durante o filme faz questão de dizer que dança mas não é homossexual.

O pai de Billy vê Billy dançando no dia do natal e muda sua concepção. Passa a apoiar o balé de Billy e busca recursos financeiros para que Billy possa viajar para New Castle para poder realizar o teste para tentar ingressar no Royal Ballet. As jóias da mãe já falecida são penhoradas. Billy consegue o dinheiro para a viagem. Realiza o teste e volta para Durham para esperar o resultado. Agora, além do apoio do pai e do irmão, o treinador de boxe também incentiva o garoto enquanto ele aguarda o resultado:

Treinador – *“Billy, já sabe de alguma coisa ?”*

Billy – *“Ainda não.”*

Treinador – *“Vai dar tudo certo. Cruze os dedos.”*

Billy recebe uma carta contendo o resultado do teste. Ele é aprovado e se matricula na nova escola. Alguns anos depois Billy realiza um espetáculo em Londres e seu pai e seu irmão vão prestigiá-lo. Na platéia, estão o pai e o irmão e Michael e um rapaz ao seu lado.

Analisando o depoimento dos alunos da 6C verificou-se que:

Com relação à pergunta se existia algum esporte que deveria ser praticado somente por meninas ou por meninos não ocorre segregação na fala dos alunos da 6C:

“Acho que não professor. Qualquer esporte independente de qual seja é pra todo mundo.”

“O esporte não é só para menino ou para menina. É misto o esporte.”

“Tem que ter um respeito mútuo entre todas as pessoas. Não importa qual o sexo da pessoa.”

Com relação à homossexualidade, no depoimento de quatro alunos não aparece preconceito ou homofobia:

“Ele teve sua opinião de querer ser bicha e depois no final do filme ele arranhou um marido pra ele, um negão lá. E eles vão assistir o concerto do Billy e ele teve a escolha dele.”

“Ele se sente oprimido e cada um escolhe seu lado. Eu acho que ninguém tem nada a ver com isso.”

“Tem que respeitar. Muita gente não concorda mas mesmo não concordando temos que respeitar o lado de todo mundo.”

“Uma pessoa da sala pode ser gay e se não houver discriminação, essa pessoa pode se abrir.”

Alunos ou alunas podem ser chamados de gay, bicha, boiola e sapatão na escola Maria Lopes no momento de uma briga ou devido ao jeito de falar:

“Às vezes até pelo jeito da pessoa falar, pode discriminar e falar que é gay.”

“Eles xingam o outro no momento de uma briga.”

“Tipo assim professor, se a voz sai bem fininha já desconfia já.”

Com relação aos momentos que mais chamaram a atenção dos alunos, pode-se notar que alguns alunos apoiaram a escolha de Billy:

“Na hora que a professora de balé ajudou ele a treinar de graça.”

“A hora que os vizinhos dele, os amigos ajudaram ele a viajar para Londres.”

“A parte que ele dança com o pai dele pra ele fala que ele sabe dançar. Para o pai aceitar ele do jeito que ele é.”

“E na hora também que o Billy tava dançando no final. O pai dele se emociona com o salto que ele deu.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que alguns filmes podem contribuir nas aulas de Educação Física Escolar. Com a exibição de *Billy Elliot* e *Driblando o Destino*, para turmas do ensino fundamental, foi possível instigar e problematizar inúmeras discussões sobre gênero e sexualidade. Frequentei em 2008 o curso na UTFPR denominado *Construindo a Igualdade de Gênero na Escola: pensando e repensando conceitos e preconceitos de gênero*. Neste curso foram exibidos dois curtas-metragens brasileiros: *Boneca na Mochila* e *Acorda Raimundo*. Acredito que esses dois filmes também podem colaborar para a elaboração de uma boa aula que fomente a discussão sobre gênero e sexualidade.

Com relação à temática sexualidade, acredito que as instituições escolares devem utilizar livros didáticos que contemplem diversos arranjos familiares. Por exemplo, um conto que tem no livro de português pode apresentar como personagens um casal de homossexuais com filhos adotivos. O livro 'sexo...qué es?' aborda vários tipos de família:

Este é o caso, por exemplo, do livro sexo...qué es? (Jarris, 1996). Ali, junto a um texto que fala de "todos tipos de família", são mostradas, através de ilustrações, famílias cuidando de bebês de muitas formas: além de duplas (heterossexuais e homossexuais), aparece uma família constituída pela mãe e seu bebê e uma família constituída por idosos, mais um casal jovem e seus filhos. Os desenhos exibem personagem de diferentes etnias e um dos casais representado traz a mulher numa cadeira de rodas enquanto o homem a observa dando de mamar. (LOURO, 1997, p. 135).

Quando realizo o jogo "Corrida do Baralho" com as turmas de segunda série no colégio da prefeitura municipal de Curitiba Lauro Esmanhoto onde leciono no período da manhã, menino senta no colo de menino, menina senta no colo de menina, menino senta no colo de menina e vice-versa, enfim todos se tocam e não existe qualquer tipo de comentário.

O jogo "Corrida do Baralho" funciona da seguinte maneira: os alunos fazem um círculo e que cada um senta sobre uma cadeira. Cada aluno passa a ter um tipo de carta: ouros ou copas ou paus ou espada. O professor, como mediador, retira do baralho uma carta e lê em voz alta o tipo da carta. Se o professor tirar uma carta cujo naipe é copas, o aluno que tem esse naipe tem o direito de se deslocar para a

próxima cadeira. Se esta cadeira estiver ocupada, o aluno senta no colo da pessoa que já estava ocupando a cadeira. Se a cadeira estiver vazia, o aluno senta nesta mesma cadeira vazia. Se existirem duas pessoas sentadas na cadeira: o aluno que está embaixo é paus e o aluno que está em cima é ouros, por exemplo. Se o professor retirar uma carta paus, o aluno que está embaixo não pode se deslocar pois está trancado. Então só pode se deslocar quando o naipe do aluno for sorteado e quando não houver outro aluno sentado sobre ele. Um dos objetivos do jogo é dar uma volta em todo círculo e voltar para o lugar de origem.

Os alunos e alunas se divertem e é difícil perceber qualquer tipo de preconceito. Então acredito que é importante que a Educação Física Escolar desenvolva atividades que tenham esse contato corporal entre pessoas do mesmo sexo e de sexo diferentes desde as primeiras séries do ensino fundamental e também na educação infantil.



FOTOGRAFIA 3 - JOGO CORRIDA DO BARALHO EM UMA TURMA DE SEGUNDA SÉRIE

FONTE: Arquivo pessoal (ALCANTARA, 2007)



FOTOGRAFIA 4 - JOGO CORRIDA DO BARALHO EM UMA TURMA DE SEGUNDA SÉRIE

FONTE: Arquivo pessoal (ALCANTARA, 2007)

Quando realizo o jogo de oposição (luta) chamado “roubar a bola” (um aluno deita sobre uma bola com o objetivo de escondê-la e outro aluno tem que tentar pegar essa bola no tempo de 30 segundos) com os alunos e alunas das mesmas turmas verifico que também não existe discriminação quando por exemplo um menino tentar tirar a bola de outro menino ou quando uma menina tenta tirar a bola de outra menina. Nesse jogo também existe um grande contato corporal já que para tentar tirar a bola, um aluno pode rolar sobre outro aluno.



FOTOGRAFIA 5 - JOGO DE OPOSIÇÃO ROUBAR A BOLA

FONTE: Arquivo pessoal (ALCANTARA, 2007)

Com relação a homossexualidade, verifiquei que ela é uma identidade marcada considerada negativa e problemática na nossa sociedade. Contudo, em alguns depoimentos de alunos e alunas do Colégio Maria Lopes de Paula verifico que não foi possível identificar em suas falas atitudes homofóbicas.

REFERÊNCIAS

A PAIXÃO, a emoção e o humor ferino do futebol brasileiro no clássico “boleiros”. Disponível em: < <http://www.rondoniaaovivo.com/especiais/exibenot.php?id=125> >. Acesso em: 20/08/2007.

ALCANTARA, Eduardo Mendez. **Verdade ou desafio ? A construção das identidades sexuais na 5 série A do colégio estadual bom pastor**. 33 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: marias (e) homens na educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11., 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Serigraf, 1999. p. 112-116.

ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.24, n.2, p. 157-173, jul./dez. 1999.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: _____; PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 607-639.

BATISTA, Sidnei Rodrigues; BETTI, Mauro. A televisão e o ensino da educação física na escola: uma proposta de intervenção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 26, n. 2, p. 135 – 148, jan. 2005.

BETTI, Mauro; COSTA, Alan Queiroz da. Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 27, n. 2, p. 165 – 178, jan. 2006.

BILLY elliot. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/billy-elliott/billy-elliott.htm>>. Acesso em 03/12/2008.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-95, jan./jun. 1996.

CAPRIGLIONE, Louro. Inimigos íntimos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 6 jul. 2006. Cotidiano, p. c 15.

KUNG pow - o mestre da kung-fu-são. Disponível em: <<http://cineminha.uol.com.br/filme.cfm?id=59425>>. Acesso em: 20 ago. 2007.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n.1, p. 115-131, jan./jun. 2000.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo**: cotidiano de uma adolescência bem comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GUEDES, Simoni Lahud. Um dom extraordinário ou “cozinhar é fácil, mas quem sabe driblar como Beckham ?”: comentários a partir do filme Driblando o destino. In: MELO, Victor Andrade de; ALVITO, Marcos. **Futebol por todo o mundo**: diálogos com o cinema. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 41-53.

LANG, Daniel Welzer. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, jul./dez. 2001.

LIMA, Francis Madlener de Lima. **O discurso sobre a homossexualidade no universo escolar**: um estudo no curso de licenciatura em Educação Física. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59 –75, jul./dez. 2000.

_____: Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____: Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal, o “diferente”, e o “excêntrico. In: _____. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41 – 52.

_____: Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOREIRA, Evando Carlos. **Educação Física Escolar**: desafios e propostas 2. In: _____. **Educação Física Escolar**: a utilização dos meios de comunicação como recurso educativo. Jundiaí: Fontoura, 2006, p. 19-34.

NEGRINI, Airton. Instrumentos de coletas de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS/ Sulina, 1999, p. 61-93.

ORIENTAÇÃO sexual. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2008.

PEREIRA, Sissi Aparecida Martins. **O sexismo nas aulas de Educação Física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras**. 171 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; Pimentel, Renata Marcelle Lara. Representações cinematográficas e atuação profissional do recreador. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 26, n. 2, p. 39 – 53, jan. 2005.

ROSA, Marcelo Victor da. **Educação Física e homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos/UFSC**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOARES, Antônio Jorge. Diálogos identitários - etnia, gênero, sexualidade e futebol: comentários a partir do filme Driblando o destino. In: MELO, Victor Andrade de; ALVITO, Marcos. **Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 55-68.

SENTENÇA do juiz Manoel Maximiano Junqueira. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1816056-EI6598,00.html>>. Acesso em: 23/08/2007.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

ALTMANN, Helena. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola.** 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BERTOTTI, João Natal. **Sócios do Curitibano vão decidir sobre casal gay.** **Gazeta do Povo.** Curitiba, 20 set. 2008. Vida e Cidadania, p. 5.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA COLETIVA REALIZADA NA 6A

1- Jess vai comprar um vestido para o casamento de sua irmã Pink. Ela diz que prefere uma roupa mais larga e sua mãe logo em seguida já diz para a costureira: mais justo. Logo no começo do filme Jules está em uma loja com sua mãe. Estão querendo comprar um sutiã. A mãe sugere que a filha não compre um sutiã esportivo porque esses não aumentam o volume dos seios. Então ela sugere um sutiã com gel. Mas Jules prefere os esportivos.

Vocês já colocaram alguma roupa (calça, blusa, boné, sutiã) e foram repreendidas por alguém ? Porque foram repreendidas ? O que vocês acham das meninas que usam roupas mais largas ?

2 - Fizemos uma atividade que tinha as cartas e as cadeiras. Muitas vezes existia mais de uma pessoa sentada na mesma cadeira: uma sobre o colo da outra. Como é que foi para vocês sentarem no colo de uma colega e ter uma colega sobre o colo de vocês ?

3 - Fizemos algumas atividades envolvendo lutas neste segundo semestre. Fizemos um jogo em que um aluno deitava sobre uma bola e outro aluno tentava tirar a bola. Como foi para vocês participarem desse jogo ?

4 - Para a mãe de Jess e para a mãe a de Jules, em grande parte do filme, o futebol não deve ser praticado por garotas. O que você acha dessa situação ? Vocês pensam que existem algum esporte que deve ser praticado somente por mulheres e algum esporte que dever ser praticado somente por homens ?

5 - O jogador Beckham é um ídolo para Jess. Vocês assistem jogos de futebol na TV ou vão aos estádios ? Tem algum jogador que vocês admiram bastante de algum time de futebol ?

6 - O pai de Jules incentiva que a filha pratique o futebol e a mãe de Jules não incentiva. Em uma parte do filme pai e filha aparecem jogando no quintal de casa.

Tem algum tipo de situação em que seu pai apóia você e sua mãe não apóia e vice-versa ?

7 - Em uma parte do filme a mãe de Jess diz o seguinte: qual família que vai querer uma nora que joga futebol e não sabe fazer chappati (pão indiano) redondo ? Agora que as provas terminaram vai aprender a cozinhar carnes e legumes. Para a mãe de Jess ela deveria saber cozinhar, casar com um homem indiano no futuro, e procurar cursar um bom curso de direito na universidade.

Algumas de vocês cozinham ? Quem cozinha na casa de vocês ?

8 - Era final do último jogo do campeonato feminino de futebol. Na saída do vestiário Jess dá um selinho em Jules e um abraço. Paula (mãe de Jules) vê e fica chocada. Ao chegar na festa de casamento de Pink, Paula já vai repreendendo Jess por ter beijado sua filha: Você andou beijando minha filha em plena luz do dia. Quer tirar esse pé lésbico do meu sapato.

Como você reagiria ao ver duas pessoas do mesmo sexo se beijando ?

O que você achou da atitude da mãe de Jules ?

9 - Tony conta para Jess que ele gostaria de se relacionar com outros meninos. Mas ele revela que nunca contou sobre isso para alguém e pede para Jess para ela manter segredo. E Jess diz que vai manter segredo.

Como que vocês acham que uma pessoa se sente quando ela quer se expressar seus sentimentos em relação a uma pessoa do mesmo sexo mas ela esconde esses sentimentos para não ser discriminada ?

10 - Alunos ou alunas são chamados de gay, bicha, boiola, baitola, sapatão ? Em que situações ?

11 - O que você entende e pensa sobre o homossexualidade masculina e homossexualidade feminina ? (comportamento sexual de pessoas que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo que elas)

12 - O que acharam do filme ? Quais os momentos do filme que mais chamaram a atenção de vocês ?

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA COLETIVA REALIZADA NA 6C

1 - Fizemos algumas atividades envolvendo lutas nesse segundo semestre. Fizemos uma atividade em que um aluno deitava sobre a bola e outro tentava tirar a bola. Alguns alunos não quiseram participar. Por quê ? E o pessoal que participou: o que acharam ?

2 - Esse é um trecho de uma conversa entre Billy e seu pai:

Billy –“Qual é o problema com balé ?”

Pai –“Qual é o problema com balé ?”

Billy –“É perfeitamente normal.”

Pai –“Perfeitamente normal ?”

Avó –“Eu também fazia balé.”

Billy –“Viu só.”

Pai –“Sim, para sua vó.”

Pai –“Não é para meninos Billy. É para meninas.”

Pai –“Meninos jogam futebol, lutam boxe ou luta livre.”

Billy –“Que meninos fazem luta livre ?”

Pai –“Não comece Billy.”

Billy –“Eu não vejo nada de errado.”

Pai –“Você sabe muito bem.”

Billy –“Não sei não.”

Pai –“Você sabe sim.”

Pai –“Está pedindo uma surra.”

Billy –“Não é só para bicha pai.”

Para o pai de Billy, durante boa parte do filme, existiam algumas atividades que poderiam ser praticados por meninos e o balé seria uma atividade que deveria ser praticada por meninas. Vocês pensam que existem atividades (jogos, esportes, danças, lutas, ...) que devem ser praticados somente por meninos ou atividades (jogos, esportes, dança, lutas, ...) que devem ser praticados somente por meninas ?

3 - O pai do Billy tinha uma opinião sobre o balé. Achava que era só para meninas. E no final do filme ele muda de opinião e passa a apoiar o filho Billy: leva Billy para fazer o teste em outra cidade. Vocês acham que suas opiniões podem mudar daqui algum tempo ?

4 - Em uma parte do filme o amigo de Billy coloca as mãos do Billy dentro de sua blusa para esquentá-las. O amigo revela que gosta de meninos e pede que Billy não

conte para ninguém. Como que vocês acham que uma pessoa se sente a ter que esconder seus sentimentos para não ser discriminada ?

5 - O que vocês entendem e pensam sobre a homossexualidade ? O que vocês acham da homossexualidade feminina ? O que vocês acham da homossexualidade masculina ? (comportamento sexual de pessoas que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo que elas)

6 - Alunos ou alunas são chamados de gay, bicha, boiola, baitola, sapatão ? Em que situações ?

7 - O que acharam do filme ? Quais os momentos do filme que mais chamaram a atenção de vocês ?